

## Contribuições para a revitalização e salvaguarda linguística e cultural das línguas Aruá e Kanoé na Terra Indígena Rio Branco-RO

### Contributions to the revitalization and cultural-linguistic safeguarding of the Aruá and Kanoé languages in the Rio Branco Indigenous Territory, Rondônia

Letícia de Souza Aquino<sup>1</sup>

Lucas Barbosa de Melo<sup>2</sup>

Chandra Wood Viegas<sup>3</sup>

#### Resumo

Este artigo analisa os resultados do projeto de imersão linguística e cultural Kanoé-Aruá, desenvolvido na Aldeia São Luiz (TI Rio Branco, RO), com foco na salvaguarda de línguas em estado de obsolescência extrema. Fundamentada no “Método Mestre-Aprendiz” (Hinton et al., 2002) e no conceito de “línguas em rede” (Viegas, 2014), a pesquisa-ação promoveu a documentação e a revitalização por meio de oficinas de cultura material, cosmologia e práticas tradicionais. A metodologia integrou o engajamento comunitário à criação colaborativa de conteúdos multimodais para plataformas digitais (Instagram, WhatsApp e e-books), transformando o ciberespaço em um território de resistência e aprendizado intergeracional. Os resultados demonstram que, conforme Viegas (2014), o uso de mídias sociais, aliado à produção de manuais e recursos audiovisuais, fortalece o protagonismo indígena e amplia o alcance da transmissão linguística para além dos limites geográficos da aldeia, oferecendo subsídios para políticas de reparação e direitos linguísticos na Amazônia (Aquino, 2025).

**Palavras-chave:** Revitalização Linguística. Línguas em rede. Mídias Sociais. Aruá. Kanoé.

#### Abstract

This paper examines the outcomes of the Kanoé-Aruá linguistic and cultural immersion project, conducted in São Luiz Village (Rio Branco Indigenous Territory, Rondônia, Brazil), with a focus on safeguarding languages in an advanced state of obsolescence. Grounded in the “Master-Apprentice Language Learning Program” (Hinton et al., 2002) and the concept of “networked languages” (Viegas, 2014), this action research project promoted documentation and revitalization through workshops on material culture, cosmology, and traditional practices. The methodology integrated community engagement with the collaborative creation of multimodal content for digital platforms (Instagram, WhatsApp and e-books), transforming cyberspace into a territory of resistance and intergenerational learning. The results demonstrate that the use of social media, as discussed by Viegas (2014), combined with the production of manuals and audiovisual resources, strengthens Indigenous agency and extends the reach of linguistic transmission beyond the village’s geographical boundaries, providing a basis for reparations policies and linguistic rights in the Amazon (Aquino, 2025).

**Keywords:** Language Revitalization. Networked Languages. Social Media. Aruá. Kanoé

#### Introdução

A região do Vale do rio Guaporé e de seus afluentes, abrangendo o estado de Rondônia, o noroeste do Mato Grosso e a porção oriental da Bolívia, caracteriza-se por uma densa e complexa diversidade linguística e cultural. Nesse cenário, coexistem dezenas de línguas indígenas minorizadas,

<sup>1</sup> Doutora em Linguística. Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF), Brasília, Distrito Federal, Brasil. <https://orcid.org/0009-0008-2216-7449>. E-mail: [professoraleticiaaquino@gmail.com](mailto:professoraleticiaaquino@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Linguística. Instituto Federal de Brasília (IFB), Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI-UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-8161-6784>. E-mail: [lucas.melo@ifb.edu.br](mailto:lucas.melo@ifb.edu.br).

<sup>3</sup> Doutora em Linguística. Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-0617-7401>. E-mail: [contact.chandrawood@gmail.com](mailto:contact.chandrawood@gmail.com).

muitas das quais se encontram em situação de grave ameaça de extinção. Entre elas, as línguas Kanoé e Aruá apresentam um quadro de obsolescência extrema, com um número reduzido de falantes plenos que as adquiriram na primeira infância. Diante deste panorama, a revitalização associa a documentação à metodologias que articulem a comunidade indígena ao uso estratégico de novas tecnologias.

O referido artigo analisa os resultados e as implicações metodológicas do projeto "Imersão Kanoé-Aruá: revitalização e salvaguarda linguístico-cultural por meio das línguas em rede", desenvolvido na Aldeia São Luiz (TI Rio Branco, RO) em 2022, com apoio do Fundo Casa Socioambiental. Partimos da premissa de que a revitalização de línguas com poucos falantes nativos, dependendo do contexto, pode requerer a criação de "comunidades de fala virtuais", onde o *ciberespaço* atua como um território complementar de resistência e prestígio social. Ao fundamentar-se no Método Mestre-Aprendiz (Hinton *et al.*, 2002) e na concepção de "línguas em rede" (Viegas, 2014), esta pesquisa-ação busca demonstrar como o engajamento comunitário, aliado à produção audiovisual multimodal, pode impactar a atitude linguística de jovens e crianças, reativando a transmissão intergeracional de saberes.

Ademais de ser um relato de experiência descritivo, este trabalho propõe uma avaliação crítica dos impactos e desafios encontrados no processo de revitalização por meio da inserção em ambiente digital dessas línguas. Investigamos como as redes sociais (*Instagram* e *WhatsApp*) podem funcionar como ambientes de repositórios de salvaguarda e de conexão sociolinguística. Assim, a relevância deste estudo reside em oferecer subsídios teóricos e práticos para o planejamento linguístico em contextos de alto risco, onde a inovação tecnológica deve, necessariamente, dialogar com a ancestralidade e a proteção dos territórios originários.

O presente artigo está organizado em quatro seções principais, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira seção, apresentamos a caracterização etno-histórica e linguística dos povos Kanoé e Aruá, fundamentando o estado de criticidade de suas línguas. A segunda seção detalha a fundamentação teórica e o percurso metodológico da imersão, descrevendo as oficinas e as vivências culturais como eixos geradores de dados da pesquisa-ação. Na terceira seção, descrevemos o desenvolvimento dos produtos audiovisuais e a estruturação das "línguas em rede" no ambiente digital. A quarta seção dedica-se à análise e avaliação dos resultados, discutindo os impactos na vitalidade linguística da comunidade, os obstáculos práticos da gestão da revitalização e os horizontes para a autonomia indígena no ciberespaço.

## 1 Panorama Etnohistórico e Linguístico: os povos Kanoé e Aruá

## 1.1 O povo Kanoé

O povo Kanoé habita atualmente três Terras Indígenas (TIs) demarcadas, além de núcleos familiares residentes em cidades adjacentes. Distinguem-se os Kanoé da TI Rio Guaporé, os da TI Rio Branco e o grupo de recente contato da TI Rio Omerê, no extremo sul de Rondônia. Segundo dados do IBGE (2020), a população totaliza cerca de 251 indivíduos. Conforme os relatos de Munuzinho Kanoé em Bacelar (2004), o território tradicional do grupo localizava-se nas cabeceiras do rio Tanaru e nos trechos médio e alto do rio Corumbiara, do qual o rio Omerê é afluente. Na década de 1950, o primeiro grupo foi deslocado para a região do Posto Indígena Guaporé e submetido ao trabalho compulsório na extração da borracha.

Culturalmente, os Kanoé compartilham traços com outros povos da região do "complexo do marico", tais como a confecção do cesto marico, o preparo da chicha, rituais de pajelança e o uso de tabaco e rapés — notadamente o rapé de angico entre os Kanoé do Omerê. Outros elementos comuns incluem a cerâmica simples, a cestaria cilíndrica e o cultivo de amendoim, milho, mandioca, inhame, taioba, batata-doce, pimenta e algodão (Bacelar, 2004).

Os Kanoé<sup>4</sup> (grafia adotada oficialmente a partir de 2010 para refletir a pronúncia nativa) possuem uma cosmologia centrada nos *moã*, entidades espirituais vinculadas a elementos naturais, celebradas em rituais como o festival do milho (*kwaryry*). Sua organização social tradicional fundamenta-se em unidades familiares (*enuetere*) estruturadas por linhagens patrilineares e patrilocais (Bacelar, 2004). O contato com a sociedade envolvente evidenciou processos de sincretismo religioso, exemplificado pela associação de figuras mitológicas como *arakwamu* e *toa'ku* a genealogias cristãs.

Os Kanoé do Omerê, contatados em setembro de 1995, reduzem-se hoje a apenas três indivíduos de uma única família: Tsiramanty (aprox. 58 anos), seu irmão Pura (aprox. 50 anos) e o jovem Bukwa (25 anos). Os três são bilíngues em diferentes níveis de proficiência em português do Brasil (PB). Tsiramanty possui menor domínio do PB, resguardando a variedade mais conservadora da língua Kanoé. Pura detém boa compreensão e expressão em PB com domínio pleno do Kanoé. Já Bukwa apresenta maior fluência no PB e domínio pleno do Kanoé, embora sua fala manifeste maiores influências do português por ter nascido em ambiente multilíngue após o contato, na TI Rio Omerê — território compartilhado com as três últimas mulheres do povo Akuntsú.

---

<sup>4</sup> Até meados de 2000, predominavam as grafias "Kanoê" ou "Canoê", refletindo registros civis da época e a influência fonética do português. A partir de 2010, após estudos linguísticos e solicitação dos próprios indígenas, o linguista Laércio Bacelar e a comunidade adotaram a grafia Kanoé. Esta forma é mais fiel à pronúncia do grupo do Rio Omerê (/ɛ/) e já consta oficialmente nos documentos de identidade do povo.

Culturalmente, o grupo destaca-se pelo rigor técnico na confecção de arcos, flechas e flautas, além de uma histórica hospitalidade. No campo da gestão territorial e cultural, a Frente Etnoambiental Guaporé tem promovido a articulação entre os Kanoé do Omerê e grupos contatados na década de 1940. Esse esforço inclui a atuação de colaboradores indígenas em funções de fiscalização e iniciativas educacionais, como o método "Mestre-Aprendiz" aplicado pela professora Mical Kanoé, que busca o ensino do Português e a revitalização da língua nativa para as futuras gerações na TI Rio Branco.

Atualmente, Altair Algayer, coordenador da Frente Etnoambiental Guaporé, promove tentativas de aproximação entre os Kanoé do Omerê e os grupos contatados na década de 1940. Essa articulação envolve colaboradores Kanoé contratados pela Funai na Base Omerê, que desempenham funções de fiscalização e manejo, e a professora Mical Kanoé que desenvolve o ensino de leitura e escrita em PB para os indígenas de recente contato, ao mesmo tempo em que se dedica à aprendizagem do Kanoé pelo método "Mestre-Aprendiz", visando ao ensino para as novas gerações da TI Rio Branco.

Este trabalho conta com a parceria da pesquisadora Leticia Aquino, que intermedia o ensino da língua e cultura entre os falantes plenos do Omerê (como Pura, que demonstra grande interesse na escrita de sua língua materna) e os Kanoé das outras TIs, que possuem o Kanoé como língua ancestral.

O ensino do português aos Kanoé do Omerê busca facilitar o diálogo com a Funai e a SESAI, enquanto se incentiva a retomada do Kanoé entre os grupos contatados há mais tempo, promovendo a comunicação entre parentes e a valorização da língua ancestral. Nesse contexto, o projeto de imersão surge da necessidade de aprofundar esses encontros linguísticos e culturais e de ampliar a inserção das línguas no ambiente digital. Esse movimento alcança também outros povos da TI Rio Branco interessados na aprendizagem. Nesse contexto, o projeto de imersão surge da necessidade de aprofundar esses encontros linguísticos e culturais e de ampliar a inserção das línguas no ambiente digital.

## 1.2 Língua Kanoé

Classificada por Rodrigues (1986) como uma língua isolada, o Kanoé integra o grupo de idiomas brasileiros sem parentesco genético comprovado, a exemplo do Trumai e do Kwazá. A documentação sistemática da língua foi consolidada pelos trabalhos de Laércio Bacelar (1992, 2004),

cujas pesquisas sob orientação de Aryon Dall'Igna Rodrigues fundamentam os bancos de dados da UnB e da Funai, servindo de base para os estudos contemporâneos de Aquino (2025).

O inventário fonológico do Kanoé é composto por 28 fonemas, sendo 12 consonantais, 2 semivogais e 14 vocálicos (divididos equitativamente entre orais e nasais). Do ponto de vista tipológico, trata-se de uma língua aglutinante com predominância de sufixos, que se destaca por um sistema complexo de classificadores nominais — muitos já lexicalizados, como o sufixo *-mũ* para substâncias líquidas. Embora a ordem sintática predominante seja SOV (Sujeito-Objeto-Verbo), o idioma admite a estrutura SVO por influência do contato com o Português do Brasil.

Na TI Rio Branco, onde residem cerca de 42 Kanoé, não há falantes plenos, mas sim "guardiões" da língua, como os professores Fernando, Paulo e Mical Kanoé. Nesses contextos, a língua Kanoé é considerada uma língua ancestral, e sua transmissão intergeracional depende de projetos de imersão e do suporte da Funai para o intercâmbio com os parentes do Rio Omerê.

### 1.3 O povo Aruá

O povo Aruá integra o chamado complexo cultural do marico, caracterizando-se por uma organização social estruturada em subdivisões territoriais, sistema de filiação patrilinear e regras exogâmicas (Maldi, 1991; Meireles, 1989). Historicamente estabelecidos às margens do igarapé Gregório, afluente do alto rio Branco, os Aruá são reconhecidos como bons agricultores; sua subsistência, tradicionalmente baseada no cultivo de mandioca, milho, feijão e diversas tuberosas, foi modernamente complementada pela produção de cacau e café, além do extrativismo de açaí e castanha-do-brasil.

O processo de contato com a sociedade não-indígena na região do rio Branco intensificou-se a partir de 1912, quando a empresa alemã Köhler estabeleceu frentes extrativistas na região, atingindo os Aruá de forma gradual por volta de 1920. A fundação do Seringal São Luís consolidou esse avanço, promovendo a incorporação compulsória dos indígenas ao trabalho na borracha. Esse período foi marcado por transformações profundas e crises demográficas severas, desencadeadas por epidemias de sarampo que levaram comunidades inteiras à iminência da extinção (Snethlage, 1937; Maldí, 1991). O impacto epidemiológico atingiu seu ápice em 1954, quando um novo surto de sarampo reduziu a população Aruá a apenas sete sobreviventes. No entanto, o grupo iniciou um processo de recuperação demográfica nas décadas seguintes. Conforme Melo (2025), o povo Aruá recompôs-se para um total de 94 indivíduos, distribuídos atualmente entre as Terras Indígenas Rio Branco e Rio Guaporé, além de áreas urbanas adjacentes no estado de Rondônia.

## 1.4 Língua Aruá

A língua Aruá é classificada como pertencente à família linguística Mondé, tronco Tupí (Rodrigues, 1964; 1986; Moore, 2005; Rodrigues e Cabral, 2012). A família Mondé engloba também as línguas Suruí (Paiter), Gavião (Ikôléej), Zoró e Cinta-Larga. Entre estas, o Aruá ocupa uma posição singular, sendo a única língua da família cujo povo se estabeleceu na região do alto rio Branco, mantendo contato secular e intenso com povos de famílias linguísticas distintas — como as línguas das famílias Jabuti, Tuparí e isoladas diferenciando-se culturalmente dos demais grupos Mondé.

Atualmente, a língua Aruá encontra-se em estado de obsolescência extrema contando com apenas quatro falantes que a adquiriram na primeira infância e a têm como língua materna, com idades entre 68 e 92 anos. Estes residem na Terra Indígena Rio Branco (um indivíduo) e na TI Rio Guaporé (dois indivíduos na aldeia Baía da Coca e um na aldeia Mata Verde).

Os primeiros registros sobre os Aruá datam da década de 1930, com as expedições etnográficas de Snethlage (1937), seguidas pelos trabalhos de Sekelj e Szekely (1948). No campo antropológico e cultural, destacam-se os estudos de Denise Maldi (1989; 1991), Betty Mindlin (1999a; 1999b; 2006), Duarte (2016) e o verbete do Instituto Socioambiental (ISA) sobre o povo Aruá. No campo linguístico, destacam-se listas vocabulares, como a de Araya Pinto (2008), bem como estudos de natureza histórico-comparativa sobre a família linguística Mondé que utilizam dados lexicais da língua Aruá, entre os quais se destacam os trabalhos de Moore (2005), Silva (2013) e Galúcio *et al.* (2015). A documentação sistemática culminou na tese de Melo (2025), que oferece a primeira descrição gramatical detalhada da língua Aruá.

Conforme a descrição de Melo (2025), O inventário fonológico do Aruá compreende 18 fonemas consonantais — /p, t, k, ʔ, b, d, g, ts, tʃ, dʒ, z, m, n, ŋ, r, l, w, j/ — e 20 fonemas vocálicos, resultantes da combinação das vogais /i, ε, i, a, o/ com os traços de nasalidade e duração (longa e breve). A língua caracteriza-se ainda pela presença de tom, com proeminência tonal na sílaba final. Estruturalmente, a língua Aruá apresenta alinhamento nominativo-acusativo, em que o auxiliar marca aspecto e sujeito de verbos transitivos e intransitivos. Verbos intransitivos recebem marca de sujeito no verbo lexical, enquanto verbos transitivos combinam-se com prefixos pessoais sem flexão verbal. As ordens básicas são OSV e SV, podendo ocorrer SOV em contextos de focalização.

## 2 O Projeto de Imersão Kanoé-Aruá: revitalização e salvaguarda linguístico-cultural por meio das línguas em rede

Este projeto teve por objetivo promover as línguas Kanoé e Aruá "em rede", visando ampliar o alcance de conteúdos linguístico-culturais aos falantes dispersos em comunidades, terras indígenas e centros urbanos de Rondônia, os quais já possuem acesso frequente a mídias sociais como *Instagram* e *WhatsApp*. Por meio de oficinas e encontros de imersão desenvolvidos durante dois meses na TI Rio Branco — envolvendo colaboradores, professores indígenas e consultores externos —, buscou-se a promoção dessas línguas historicamente minorizadas.

Todas as atividades foram registradas em múltiplos formatos (áudio, vídeo e fotografia) e disponibilizadas em plataformas digitais. O uso de mídias sociais interativas visou incentivar o acesso ao conteúdo e, ao mesmo tempo, fomentar a autonomia da comunidade na criação de materiais futuros. Esse processo fortalece o protagonismo das lideranças emergentes, que assumem a missão de guardiãs de seus patrimônios. Ressalte-se que a preservação desse legado é um dever coletivo, visto que a salvaguarda das línguas indígenas está intrinsecamente ligada à proteção dos territórios e, conseqüentemente, dos biomas que sustentam a humanidade, como a Floresta Amazônica, frente a políticas historicamente desfavoráveis.

A metodologia seguiu os princípios do "Método Mestre-Aprendiz" (*Master-Apprentice Language Learning Program*), proposto por Hinton *et al.* (2002). Trata-se de uma abordagem de aprendizagem por imersão direta entre aprendizes e falantes plenos, permitindo que os participantes desenvolvam, posteriormente, seus próprios métodos de transmissão adaptados aos contextos específicos de cada povo. Conforme Hinton (2012), o sucesso da revitalização linguística depende diretamente da qualidade da documentação. A autora enfatiza que o objetivo central deve ser a formação de novos usuários da língua, superando barreiras políticas e de atitude linguística que muitas vezes silenciam falantes fluentes dentro de suas próprias comunidades.

O método fundamenta-se na interação social em ambientes reais e naturais, onde o receio de utilizar a língua é gradualmente superado, estabelecendo um ciclo de transmissão mútua: a "infinita arte de ensinar-aprender-ensinar". De acordo com Hinton *et al.* (2002, p. 15), o aprendiz de uma língua ameaçada enfrenta um desafio que transcende o aprendizado linguístico: ele atua junto ao falante para recriar uma comunidade de fala, tornando-se, simultaneamente, aprendiz e futuro professor.

O Projeto visou, ainda, ampliar a documentação audiovisual desses povos, ecoando o alerta de Campbell (2019, p. 21): "Sem a documentação de línguas ameaçadas, podemos perder muito — já perdemos essencialmente um quarto das famílias de línguas do mundo. Por outro lado, com a documentação, ganhamos acesso à história das línguas e, por meio dela, à história humana". Por fim, esta iniciativa insere-se no âmbito da Década Internacional das Línguas Indígenas (2022-2032),

proclamada pela UNESCO, articulando o conceito de "línguas em rede" (Viegas, 2014) aos estudos sobre a inclusão das línguas originárias no *ciberespaço*.

## 2.1 Ações desenvolvidas

A seguir, apresentamos as ações realizadas, incluindo oficinas, vivências e encontros de imersão linguístico-cultural envolvendo as línguas e culturas Kanoé e Aruá na Aldeia São Luiz, com a participação ativa de outros povos da comunidade.

### 2.1.1 Oficina de produção de Marico

Um exemplo emblemático das atividades femininas é a fabricação do marico, um embornal de alta resistência confeccionado com a fibra da palha do tucum. Esta técnica é exclusiva das etnias que compõem o "complexo cultural do marico". Atualmente, sua confecção encontra-se em risco, sendo preservada por poucas mulheres que detêm o conhecimento especializado. Observou-se, contudo, o entusiasmo das jovens na coleta do tucum; apesar dos desafios físicos das Serras e do cuidado minucioso necessário para extrair a palha sem ferir-se nos espinhos do caule; as jovens demonstraram destreza e alegria na execução do ritual de colheita.

### 2.1.2 Oficinas de pintura corporal

A oficina de pintura corporal Aruá foi conduzida pelo Sr. Anízio, que narrou aos jovens o mito da pintura e explicou as distinções rituais entre os grafismos masculinos e femininos. Sob sua orientação, os jovens Aruá realizaram as pinturas em seus próprios corpos.

Já o resgate das pinturas corporais Kanoé ocorreu durante um encontro tradicional mediado pelo consumo da chicha de mandioca (bebida fermentada). O processo de feitura da chicha, que envolve a mastigação da raiz para desencadear a fermentação natural, é uma prática feminina que exige grande resistência física. Os jovens Kanoé executaram as pinturas baseando-se na cartilha de Bacelar (2014), sob a supervisão de Fernando e Ellyson Kanoé.

### 2.1.3 Vivência culinária

Liderada por Paulo Kanoé, a vivência reuniu mulheres e crianças Djeoromitxí, Tuparí, Aruá e Kanoé para a coleta de gongos na floresta. Consumidos crus, assados ou cozidos, os gongos foram o elemento central de um almoço tradicional na casa de Fernando Kanoé. Esta imersão permitiu a reativação de vocabulários específicos em contexto real, como: *toky* 'gongo do mamoeiro / mamão'; *tsutsiraj* 'facão'; *ae* 'floresta'; *morere* 'muito bom'; *txuere arakere* 'muito gostoso' e o comando *kapejun* 'vamos!'.

#### 2.1.4 Aulas de língua Aruá e Kanoé

As aulas, mediadas por colaboradores externos e professores indígenas, focaram em crianças e adolescentes. Trabalhou-se o vocabulário temático (corpo humano, fauna, flora) e aspectos gramaticais por meio de metodologias ativas e lúdicas.

Um exemplo notável foi o uso de fantoches para ensinar saudações e nomes de aves. As crianças Kanoé aprenderam as distinções entre *tseré mirōtxi* 'olá para uma pessoa' e *tseré peroniōtxi* 'olá para um grupo', além de expressões como *awa pārānere* 'a arara está voando' e *ñake pārānere* 'o tucano está voando'. O uso do sufixo diminutivo *-tsinkwã* (ex: *ōkwatsinkwã*, passarinho) foi introduzido conforme as lições do mestre Pura Kanoé e as descrições de Bacelar (2004).

#### 2.1.5 Estudos dirigidos sobre as línguas Aruá e Kanoé

Além das aulas, realizaram-se estudos dirigidos para a elicitación de dados linguísticos com o Sr. Anízio Aruá e discussões sobre ortografia e gramática. Aplicou-se um diagnóstico sociolinguístico com os professores Kanoé (baseado em Aquino, 2010) para fundamentar o planejamento linguístico. Como resultado, foram produzidos dois manuais de comunicação e expressão oral para uso doméstico, escolar e comunitário.

### 3 Conteúdo audiovisual para a aprendizagem em rede

Apresentamos nesta seção os conteúdos audiovisuais produzidos para inserção das línguas em ambiente digital e algumas reflexões sobre aprendizagem em rede. Considerando que as línguas Kanoé e Aruá são classificadas como "extremamente em risco" em termos de vitalidade linguística, ações de planejamento linguístico são urgentes para o seu fortalecimento. Uma das estratégias centrais nesse processo é a documentação e criação de conteúdo audiovisual (Hinton, 2001; Viegas, 2014), que abrange dados linguísticos, usos sociais da língua, conhecimentos culturais e expressões artísticas. Esse material possui aplicabilidade em múltiplos contextos: redes sociais, escolas, rádio, TV, cinemas comunitários, livros digitais e sites institucionais. Outro pilar do projeto é a inclusão das línguas no ciberespaço (Diki-Kidiri, 2007; D'angelis, 2011, 2019), tendo em vista que a presença digital influencia diretamente a vitalidade de uma língua, especialmente para povos que já utilizam cotidianamente essas tecnologias. As redes sociais, blogs e espaços virtuais de interação funcionam, neste contexto, como ferramentas de revitalização e resistência cultural.

#### 3.1 Produção e Metodologia Audiovisual

Para orientar o fortalecimento linguístico-cultural, lançou-se no âmbito do projeto o *Guia de Apoio para Produção, Organização e Publicação de Conteúdo Audiovisual*, elaborado pela Dra. Chandra Viegas. O material estrutura o processo em três fases fundamentais: produção, organização e publicação, servindo como modelo para futuras iniciativas.

As atividades presenciais na TI Rio Branco geraram um volume expressivo de registros. No total, foram produzidos 180 posts para o *Instagram*, divididos igualmente entre os perfis @morerekanoe (Kanoé) e @linguaarua (Aruá). O conteúdo foi construído a partir de áudios, filmagens e fotografias das vivências, além de materiais pedagógicos de referência, como a gramática e o dicionário de Bacelar (2004, 2007) para o Kanoé, e a lista de palavras de Pinto (2018) para o Aruá.

A assessoria externa desenvolveu artes visuais, animações e personagens que funcionam como ferramentas lúdicas de aprendizagem. Todo o acervo está disponível no *Google Drive* do projeto para uso comunitário e resultou na criação de dois livros digitais, disponibilizados também em formato *PowerPoint* para permitir a visualização integrada dos vídeos:

- 1) *Língua Kanoé: conteúdo audiovisual para a aprendizagem em rede* (Viegas *et al.*, 2024);
- 2) *Língua Aruá: conteúdo audiovisual para a aprendizagem em rede*.

### 3.2 Normatização e Grafia

Quanto à escrita adotada, é importante ressaltar que podem ocorrer variações, visto que as línguas estão em processo de normatização. Referenciamos a grafia do Kanoé nos trabalhos de Laércio Bacelar e a do Aruá nos registros de Zita Pinto, ambos com adaptações de Leticia Aquino e Lucas de Melo, respectivamente, priorizando sempre o uso prático observado entre professores e falantes fluentes durante o projeto.

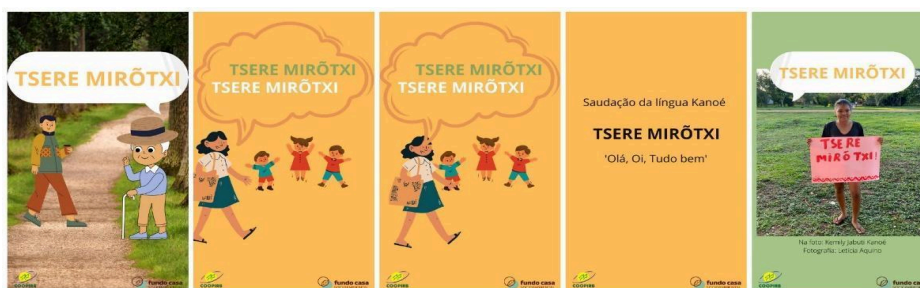
A execução foi colaborativa, envolvendo a COOPIRB (Cooperativa dos Povos Indígenas do Rio Branco), professores indígenas (Ellyson, Fernando, Paulo, Mical, Edimar, Maicon e Marcela) e consultores do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI/UnB) e da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Enquanto os professores indígenas e pesquisadores realizavam a coleta e as aulas, a consultoria técnica organizava o material via *Canva* e *Adobe Express*, com aprovação final da coordenação indígena.

### 3.3 Frames de três vídeos da língua Kanoé

Estes três vídeos tiveram gravação do áudio realizada na TI Omerê por Letícia Aquino, nos meses de agosto e setembro de 2022, com o falante pleno da língua, Pura Kanoé. O vídeo da saudação Kanoé contou também com gravação de áudio na Aldeia São Luiz da TI Rio Branco com a professora Mical Kanoé, no mesmo ano. A criação das artes gráficas, design e edição dos vídeos são da consultora Chandra Viegas. A criação do conteúdo foi efetuada, então, de forma colaborativa, onde a base do conteúdo foi sendo construída por meio de conversas e trocas de ideias via *WhatsApp* e *e-mail*.

### 3.3.1 Vídeo da saudação da língua Kanoé

A saudação *Tsere mirõtxi* 'Olá, Oi, Tudo bem' (Fig. 1) foi registrada, primeiramente, pelo linguista Bacelar e atualmente é utilizada nas aulas de língua Kanoé.



**Figura 1:** *Tsere mirõtxi* 'Olá, Oi, Tudo bem'  
 Fonte: elaboração própria. Disponível em @morerekanoe.

### 3.3.2 Vídeo da borboleta

Na gravação do áudio para o vídeo da *tykenēne* 'borboleta' (Fig. 2), foi registrado o uso da marca de possessivo sufixal (-o): 1) *tykenēneo ytajtxe* 'antena da borboleta', 2) *tykenēneo ikāw* 'corpo da borboleta', 3) *tykenēneo itxetxe* 'asa da borboleta', 4) *tykenēneo ikỹj* 'olho da borboleta', 5) *tykenēneo ikutã* 'cabeça da borboleta', 6) *tykenēneo ikwamũ* 'pata da borboleta'.



**Figura 2:** *tykenēne* 'borboleta'  
 Fonte: elaboração própria. Disponível em @morerekanoe.

### 3.3.3 Vídeo do porcão

No vídeo do *urã* 'porcão' (Fig. 3), tivemos uma frase espontânea *Urã tonere atxajĩĩ* 'O porcão correu com medo', durante a gravação com o mestre Pura que contou uma de suas milhares de histórias na floresta.



Figura 3: *urã* 'porcão'

Fonte: elaboração própria. Disponível em @morerekanoe.

### 3.4 Frames de três vídeos da língua Aruá

Nos próximos três vídeos, utilizamos a gravação de áudio realizada por Zita Pinto em 2018, com o falante pleno da língua, Anízio Aruá, que resultou em uma lista de palavras e áudios (PINTO, 2018), sendo essa a base principal para a criação dos vídeos. Também foram registradas histórias e vivências da língua Aruá, com o mesmo falante, pelo consultor Lucas de Melo, durante o ano de 2022, na Aldeia São Luiz. A criação das artes gráficas, design e edição dos vídeos ficou a cargo da consultora Chandra Viegas. Da mesma forma, a produção do conteúdo Aruá foi colaborativa, com a base do material sendo construída por meio de conversas e trocas de ideias via *WhatsApp* e *e-mail*.

#### 3.4.1 Vídeo do sabiá

No vídeo do *koxit'ap* 'sabiá' (Fig. 4), foram incluídas informações sobre os hábitos do passarinho, com o objetivo de estimular a criação de novos conteúdos que contenham esse tipo de informação, contribuindo para a aprendizagem.

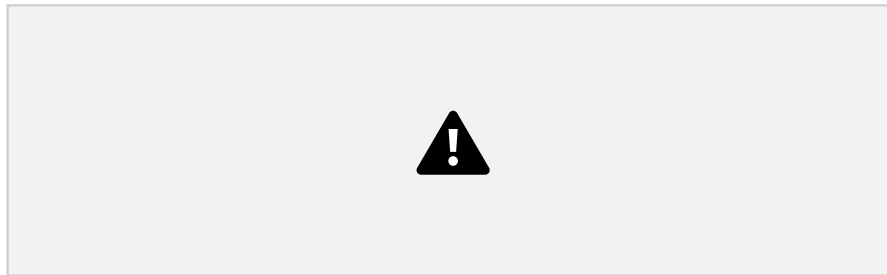


Figura 4: *koxit'ap* 'sabiá'

Fonte: elaboração própria. Disponível em @linguaarua.

#### 3.4.2 Vídeo da andorinha

Da mesma forma, o vídeo da *gat pi kom* 'andorinha' (Fig. 5), apresenta informações sobre os seus hábitos e, também combinando a língua Aruá com o Português, com a intenção de destacar o nome do pássaro na língua Aruá.



Figura 5: *gat pi kom* 'andorinha'

Fonte: elaboração própria. Disponível em @linguaarua.

### 3.4.3 Vídeo do tamanduá

O vídeo do *wasa koli* 'tamanduá' (Fig. 6) mostra um ambiente de floresta, levando o interlocutor a ver os hábitos desse personagem.

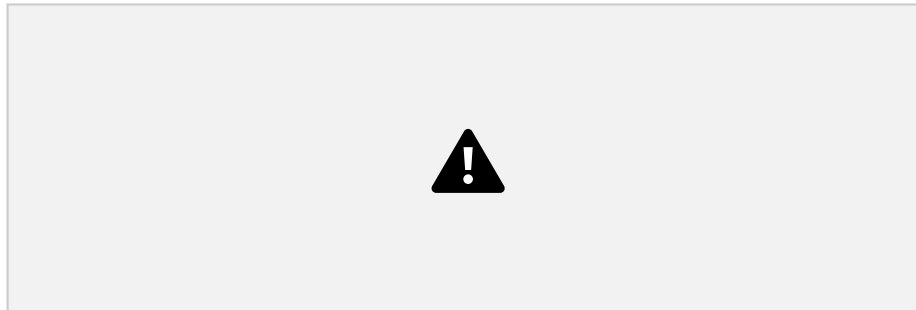


Figura 6: *wasa koli* 'tamanduá'

Fonte: elaboração própria. Disponível em @linguaarua.

Esses vídeos são exemplos de conteúdos audiovisuais que podem ser criados para o fortalecimento linguístico-cultural. Além disso, podem incentivar a criação de novos vídeos contendo desenhos e personagens desenvolvidos pelos artistas e professores da comunidade. Para assistir aos vídeos completos, acesse os perfis no *Instagram*, [@morerekanoe](#) e [@linguaarua](#) ou ainda acesse *on-line* os livros digitais com todas as publicações.

### 3.5 Aprendizagem em rede

A concepção de "línguas em rede", desenvolvida por Viegas (2014), destaca a interação das línguas como sistemas complexos. Essa interação ocorre tanto em ambientes geograficamente localizados, como em ambientes digitais, como a *internet*. O fortalecimento das línguas e culturas por meio das "línguas em rede" está relacionado ao fluxo e uso das línguas nas interações. Conforme (Viegas,2014), as redes têm desempenhado um papel importante no fortalecimento linguístico-cultural ao possibilitar a aprendizagem em rede, envolvendo pessoas (lideranças, professores, aprendizes,

membros da comunidade, etc.), conhecimentos (culturais, linguísticos, etc.), tecnologias (indígenas e não-indígenas), comunidades, entre outras entidades e suas interconexões.

Siemens (2008) traça uma breve história da aprendizagem em rede, observando que:

As redes sustentaram a aprendizagem humana bem antes da proliferação da tecnologia evidente na sociedade atual. O desenvolvimento de competências na caça, coleta e agricultura exigem que o conhecimento seja compartilhado com cada nova geração. Após o estabelecimento da agricultura, por exemplo, a geração mais nova aprende com o trabalho já realizado pelos seus antecessores. [...] A aprendizagem em rede é hoje mais evidente, pois encontra a sua existência em estruturas explícitas de rede: redes de telefonia móvel, a internet e a web [...] (Siemens, 2008, p.1, *apud* Viegas, 2014, p.289, tradução nossa).

Nesse sentido, a aprendizagem em rede em ambientes digitais, juntamente com as formas tradicionais, possibilita a transmissão intergeracional de saberes. Podemos citar aqui algumas características da aprendizagem em rede para o fortalecimento linguístico-cultural, com base nos estudos de Viegas (2014) e nas ações desenvolvidas pelo projeto abordado. Essas características incluem: 1) Acessibilidade aos materiais de estudo e pesquisa; 2) Diversidade de formatos de materiais, como textos, vídeos, áudios, animações, desenhos, contação de histórias e materiais didáticos; 3) Disponibilidade de acesso ao material em qualquer horário e local; 4) Atividades que estimulam a criatividade e a interação; 5) Participação ativa tanto dos mestres quanto dos aprendizes na criação de conteúdo; 6) Compartilhamento de materiais por diferentes canais; 7) Variedade de ambientes de aprendizagem, incluindo encontros presenciais, a distância e online; 8) Estímulo à colaboração entre os participantes da aprendizagem.

### 3.5.1 Alguns destaques de criações audiovisuais

A seguir, destacamos algumas das criações audiovisuais, tais como o dicionário ilustrado, a metodologia de ensino de vogais e consoantes, a criação de músicas e personagens e a contação de histórias. Essas criações incentivam e favorecem a aprendizagem em rede.

#### 3.5.1.1 Dicionário ilustrado Kanoé

A proposta do Dicionário ilustrado Kanoé (Fig. 7) consiste em apresentar tanto a palavra e seu significado e uso na língua, como também a pessoa responsável pela criação da imagem representativa e o áudio correspondente, proporcionando assim uma maior valorização cultural e artística. Surge, então, uma abordagem inovadora e diferenciada na elaboração de dicionários para grupos que buscam fortalecer sua identidade linguístico-cultural. Como comentou a Professora Leticia Aquino, ao finalizar seus desenhos, os estudantes costumam exclamar: “Vamos tirar uma foto, professora!”, e já saem correndo para fora da sala de aula, onde costumam tirar as fotos para ficar bonito com a área verde no fundo.



**Figura 7:** Dicionário ilustrado Kanoé: *urä* ‘porcão’ e *ytse* ‘árvore’  
 Fonte: elaboração própria. Disponível em @morerekanoé.

### 3.5.1.2 Vogais e consoantes

Normalmente, as vogais e consoantes de uma língua são apresentadas de forma pedagógica em livros e cartilhas para as comunidades. No entanto, desta vez, optamos por gravar o áudio com a pronúncia de cada um desses sons com representantes das próprias comunidades. Essa abordagem visa associar a escrita aos sons, o que auxilia na aprendizagem. As gravações dos sons das vogais e consoantes da língua Kanoé podem ser conferidas no perfil @morerekanoé no *Instagram*.

### 3.5.1.3 Criação de músicas

A Professora Letícia Aquino, juntamente com os(as) estudantes Benjamin, Darlison, Verônica e Franciele, desenvolveu a música das partes do corpo humano (Fig. 8) na língua Kanoé: *ikutã* ‘cabeça’, *ipera* ‘ombro’, *iroko* ‘joelho’, *itsotsi* ‘pé’, *ikỹj* ‘olho’, *iteñu* ‘ouvido’, *ia* ‘boca’, *ikañu* ‘nariz’, *morere* ‘bonito(a), muito bom, tudo bem, obrigado(a)’. Durante as aulas, eles participavam atentamente, mostrando-se animados e solicitando repetições. Além disso, nos demais espaços da aldeia, era perceptível observar as crianças ensinando umas às outras e recriando a música com gestos durante suas brincadeiras.



**Figura 8:** Música do corpo humano na língua Kanoé  
 Fonte: elaboração própria. Disponível em @morerekanoé.

### 3.5.1.4 Criação de Personagens

No processo de criação dos personagens (Fig. 9), as estudantes Alcione e Gieli Aruá com as falas 1) *Ñake Kanoé vararoe* ‘O tucano fala Kanoé’ e 2) *Awa Kanoé vararoe* ‘A arara fala Kanoé’.



**Figura 9:** Awa e Ñake ‘arara e tucano’

Fonte: elaboração própria. Disponível em @morerekanoe.

### 3.5.1.5 Contação de histórias

O Sr. Anízio Aruá atuou como orador (Fig. 10) durante as oficinas de língua Aruá, contando duas histórias (Fig. 11): 1) "O menino que virou passarinho" (3min31s) e 2) "A pintura Aruá" (18min22s), ambas narradas tanto em Língua Aruá quanto em Português. Esse registro é considerado supervalioso, uma vez que até então existem poucos registros de narrativas e de listas de palavras da língua Aruá.



**Figura 10:** Oficina de língua Aruá e Contação de histórias com o Sr. Anízio

Fonte: Elaboração própria. Disponível em @linguaarua.



**Figura 11:** Contação de histórias pelo Sr. Anízio Aruá

Fonte: Elaboração própria. Disponível em @linguaarua.

### 3.5.1.6 Realização de oficinas, vivências e encontros

Foram realizados encontros de imersão linguístico-cultural, oficinas e vivências envolvendo as línguas e culturas Kanoé e Aruá, compartilhadas com os demais povos da TI Rio Branco, que também tiveram representantes participando dessas vivências. Essas experiências contribuíram significativamente para a aprendizagem, permitindo vivenciar a cultura e resgatar conhecimentos culturais que não são mais amplamente praticados atualmente, como a pintura facial do povo Kanoé,

conforme apresentado anteriormente. Na Figura 12, apresentamos algumas imagens, da esquerda para a direita: 1) Vivências com as consoantes da língua Kanoé, 2) Oficina de pintura facial dos grafismos Kanoé e 3) Preparação da chicha.



**Figura 12:** oficinas e encontros de imersão linguístico-cultural  
 Fonte: Elaboração própria. Disponível em @morerekanoe.

A Figura 13 apresenta algumas imagens da galeria do projeto, mostrando as seguintes vivências, da esquerda para a direita: 1) Preparando *Pakotxi*, 2) Preparando tinta de jenipapo, 3) Preparando *yki 'marico'* e 4) Preparo de alimentos.

#### 4 Avaliação dos Resultados: Impactos, Desafios e Perspectivas da Imersão Linguística Kanoé e Aruá

A avaliação da eficácia do projeto de imersão das línguas Kanoé e Aruá, sob a égide das metodologias “Mestre-Aprendiz” e “línguas em rede”, permite compreender o alcance da revitalização em contextos de obsolescência linguística extrema. À luz das proposições de Hinton (2010), percebe-se que a principal contribuição do programa não se limita ao ensino formal, mas se manifesta sobretudo na reconstrução de práticas comunicativas autênticas, inseridas em contextos socioculturais significativos. Esta abordagem fundamenta-se na imersão comunicativa, na aprendizagem situada e na centralidade da oralidade, promovendo uma integração indissociável entre a língua e a cultura por meio da interação intensiva entre mestre e aprendiz.

No que tange às repercussões nas práticas socioculturais, constatou-se um deslocamento significativo nas atitudes linguísticas e nas práticas cotidianas das comunidades envolvidas. A reativação das línguas em contextos pragmáticos — como o preparo da *chicha*, a confecção do *marico* e as sessões de contação de histórias — sinaliza uma transição da condição de “língua de herança” para a retomada da performance oral. A incorporação de saudações e expressões no cotidiano infanto-juvenil, embora ainda restrita a domínios específicos, demonstra a refuncionalização social da

língua, transcendendo funções meramente simbólicas ou memoriais ao reposicionar os anciãos como protagonistas e formar novos mediadores linguísticos.

Nesse cenário, o uso estratégico de tecnologias de comunicação revelou-se um elemento decisivo para a expansão da agência indígena e a recriação de comunidades de fala. O *WhatsApp* passou a funcionar como uma ponte importante, reconectando falantes e aprendizes dispersos geograficamente, enquanto o *Instagram* opera como um repositório digital que confere prestígio social e visibilidade política às línguas.

Paralelamente, o registro audiovisual contou com o aprendizado de técnicas de uso dos equipamentos e de documentação linguística, possibilitando, assim, a criatividade colaborativa, garantindo autonomia à comunidade para registrar e difundir suas próprias narrativas de forma independente e multimodal.

A despeito dos avanços, a implementação do programa evidenciou problemas estruturais que comprometem a sustentabilidade das ações a longo prazo. O cenário de vulnerabilidade crítica é acentuado pelo número reduzido de falantes plenos — com destaque para o caso Kanoé, que conta com apenas três remanescentes —, tornando o processo dependente de poucos mestres. Além disso, a ausência de agentes locais dedicados exclusivamente à gestão da revitalização faz com que as ações linguísticas compitam com demandas urgentes de organização social e subsistência. Somam-se a isso a complexidade da normatização ortográfica, que ainda medeia tensões entre registros históricos e a percepção fonética contemporânea, e a pressão constante do português como língua hegemônica.

Em contextos multilíngues e de contato prolongado, observa-se frequentemente a substituição gradual da língua indígena pelo português, sobretudo entre as gerações mais jovens, que tendem a associar o português à mobilidade social, escolarização e acesso a serviços públicos. Essa assimetria sociolinguística cria um ambiente desfavorável para a transmissão natural da língua Kanoé e reforça processos de deslocamento linguístico já historicamente consolidados e inserir as línguas Kanoé e Aruá em ambiente digital configura-se como estratégia significativa que promove o uso social real em um dos domínios da vida cotidiana que é o ciberespaço e suas ciberterritorialidades e ciberculturas.

### **Considerações Finais**

Em consonância com a Década Internacional das Línguas Indígenas (2022–2032), proclamada pela UNESCO, as ações desenvolvidas neste projeto configuram uma resposta concreta ao risco crítico de silenciamento das línguas Aruá e Kanoé. Diante das projeções de desaparecimento dessas línguas

nas próximas décadas, a promoção dos direitos linguísticos e a reparação de processos históricos de apagamento reafirmam-se como compromissos éticos incontornáveis. Preservar essas línguas implica reconhecer que os conhecimentos nelas inscritos são fundamentais para a diversidade cultural e para o equilíbrio ecológico.

A adaptação do “Método Mestre-Aprendiz” às realidades locais evidenciou que a revitalização linguística contemporânea demanda a articulação entre saberes ancestrais e recursos tecnológicos. Ao transpor conhecimentos dos anciãos para o ambiente digital, consolidou-se a noção de “línguas em rede”, na qual plataformas digitais, assim como outros ambientes linguísticos, passam a operar como espaços de circulação, visibilidade e resistência. O engajamento da juventude e a atuação de homens e mulheres na continuidade de práticas tradicionais demonstram que a vitalidade linguística depende de usos efetivos, socialmente situados e afetivamente significativos.

Como resultados, destacam-se a produção de um acervo audiovisual expressivo, materiais pedagógicos, guias técnicos e publicações digitais, além de contribuições acadêmicas relevantes, como Aquino (2025) e Melo (2025), que fornecem base científica para a continuidade das ações de revitalização. Tais iniciativas evidenciam que a metodologia de imersão, associada ao uso estratégico de tecnologias, favorece tanto o fortalecimento das atitudes linguísticas quanto a reativação de práticas socioculturais, ainda que de forma inicial.

Persistem, contudo, desafios estruturais, como a ausência de agentes totalmente dedicados, a complexidade dos processos de normatização e a dependência de financiamentos descontínuos. Nesse contexto, a sustentabilidade das ações exige a institucionalização de políticas e programas que assegurem continuidade, recursos e protagonismo comunitário.

Por fim, a proteção das línguas Kanoé e Aruá revela-se indissociável da proteção de seus territórios. Cada elemento linguístico recuperado mobiliza sistemas de conhecimento que sustentam relações específicas com o ambiente. Assim, a revitalização linguística fortalece identidades e, também, contribui para a preservação de ecossistemas. Espera-se que este trabalho impulse novas iniciativas, nas quais o silenciamento seja progressivamente substituído pela afirmação plural das vozes indígenas, fortalecidas e ampliadas pelas redes.

## Referências

AQUINO, Leticia de Souza. *Pesquisas sociolinguísticas entre os Asuriní do Tocantins*. Contribuição para o inventário nacional da diversidade linguística (INDL). 152 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) -Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

- AQUINO, Letícia de Souza. *Kanoé: contribuições de uma metodologia de imersão para a revitalização linguística*. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Brasília, 2025.
- BACELAR, Laércio Nora. *Fonologia preliminar da língua Kanoé*. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 1992.
- BACELAR, Laércio Nora. *Gramática da língua Kanoé*. Nijmegen: [s.n.], 2004.
- BACELAR, Laércio Nora. *Dicionário etnolinguístico Português-Kanoé*. Goiânia, 2007.
- BACELAR, Laércio Nora. *Cartilha de alfabetização para a etnia Kanoé*. BH-TI Omerê, 2014.
- BACELAR, Laércio Nora. *Pintura corporal, rituais e mitologia Kanoé*. Brasília: Museu do Índio/FUNAI, ProDoclin Kanoé, 2014.
- CAMPBELL, Lyle Richard. Documentação linguística e linguística histórica. Tradução: Thiago Costa Chacon. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 11, n. 2, p. 195–219, dez. 2019.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. *Acesso à informação digital: o caso dos portais kanhgag.org e portalkaingang.org*. Brasília: Universidade de Brasília, 2011. Apresentação de PowerPoint.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. *Revitalização de línguas indígenas: o que é? Como fazemos*. 1. ed. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2019. v. 1. 208 p.
- DIKI-KIDIRI, Marcel. *Como assegurar a presença de uma língua no ciberespaço*. UNESCO, 2007. 80 p.
- DUARTE, Fernando. *O território do povo Aruá*. Trabalho de Conclusão de Curso — Universidade Federal de Rondônia, Ji-Paraná, 2016.
- EQUIPE DE EDIÇÃO DA ENCICLOPÉDIA POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. Aruá. In: INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Povos Indígenas no Brasil*. São Paulo: ISA, 2008. Atualizado em: 23 jan. 2021. Disponível em: [Povos Indígenas no Brasil – Aruá](#).
- GALUCIO, Ana Vilacy et al. Relações genealógicas e distâncias lexicais na família linguística Tupi. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 10, n. 2, 2015.
- HINTON, Leanne; HALE, Kenneth (orgs.). *The green book of language revitalization in practice*. San Diego: Academic Press, 2001.
- HINTON, Leanne. *How to keep your language alive: a commonsense approach to one-on-one language learning*. Berkeley: University of California Press, 2002.
- HINTON, Leanne. Revitalization of endangered languages. In: AUSTIN, Peter K.; SALLABANK, Julia (eds.). *The Cambridge handbook of endangered languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 291–311.
- HINTON, Leanne. *Language revitalization and language pedagogy: new teaching and learning strategies*. *Language and Education*, v. 26, n. 2, p. 153–167, 2012.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo demográfico 2020: população indígena Kanoé*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.
- MALDI, Denise. O complexo cultural do Marico: sociedades indígenas dos rios Branco, Colorado e Mequens, afluentes do Médio Guaporé. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia*, v. 7, n. 2, p. 209–269, 1991.

- MEIRELES, Denise Maldí. *Guardiães da fronteira*: Rio Guaporé, século XVIII. Petrópolis: Vozes, 1989.
- MELO, Lucas Barbosa de. *Língua Aruá (Tupí-Mondé)*: descrição gramatical a partir de suas últimas vozes. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Brasília, 2025.
- MINDLIN, Betty. *Moqueca de maridos*: mitos eróticos indígenas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- MINDLIN, Betty. *Terra grávida*. São Paulo: Editora Rosa dos Ventos / Record, 1999.
- MINDLIN, Betty. *Mitos indígenas*. Ilustrada. São Paulo: Editora Ática, 2006. 143 p. (Para gostar de ler, v. 40). ISBN 8508105495.
- MOORE, Denny. Classificação interna da família linguística Mondé. *Estudos Linguísticos*, São José do Rio Preto, v. 34, p. 515–520, 2005.
- PINTO, Zita Araya. *Ortografia e Fonética*: Língua Arowá. [S. l.], 2018. 36 slides. Apresentação de PowerPoint.
- RODRIGUES, Aryon D. Classificação do tronco linguístico Tupi. *Revista de Antropologia*, v. 12, n. 1–2, p. 99–104, 1964.
- RODRIGUES, Aryon D. *Línguas brasileiras*: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.
- RODRIGUES, Aryon D. *Classificação das línguas indígenas brasileiras*. 1996.
- RODRIGUES, Aryon D.; CABRAL, A. S. A. C. Tupían. In: CAMPBELL, L.; GRONDONA, V. (org.). *The Indigenous Languages of South America*. Berlin; Boston: Mouton de Gruyter, 2012. p. 495–574.
- SIEMENS, George. *A brief history of networked learning*. 28 Sept. 2008. Disponível em <[elearnspace.org/.../HistoryofNetworkLearning.rtf](http://elearnspace.org/.../HistoryofNetworkLearning.rtf)> Acesso em: 15 jun. 2014.
- SILVA, Izaías Euclides da. *Um ensaio histórico-comparativo dos lexemas nas línguas da subfamília Mondé (família Tupi)*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) — Fundação Universidade Federal de Rondônia, Guajará-Mirim, 2013.
- SNETHLAGE, Emil Heinrich. *Atiko Y: meine Erlebnisse bei den Indianern des Guaporé*. Berlin: Klinkhardt & Biermann, 1937.
- SZEKELY, Erszebet; SEKELJ, Tibor. *Wordlist Arua-Makuráp-Jabuti-Arikapu-Tuparí*. Leiden Archives, 1948.
- VIEGAS, Chandra Wood. *Línguas em rede*: para o fortalecimento da língua e da cultura Kokama. 2014. 467 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014
- VIEGAS, Chandra Wood; AQUINO, Letícia de Souza; KANOÉ, Ellyson Duarte; KANOÉ, Fernando Duarte; KANOÉ, Paulo Duarte; KANOÉ, Mical Duarte; KANOÉ, Pura; KANOÉ, Tsiramanty Atitiro Kowi; KANOÉ, Bukwa. *Kanoé wararoe tseretonereni peõtsõnere*: Aprendendo e ensinando a língua Kanoé em meio digital. 1. ed. Corumbiara, RO, 2024. v. 1. 131 p. ISBN 978-65-01-25623-8. Disponível em: <http://www.etnolinguitica.org/biblio:viegas-2024-kanoe>

Data de submissão: 30/03/2026. Data de aprovação: 25/05/2026.